



ARTIGO

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS: ANÁLISE DOS DESAFIOS ÉTICOS, CULTURAIS E EPISTÊMICOS

*INFORMATION TECHNOLOGIES AND CONTEMPORARY BRAZILIAN INDIGENOUS
PEOPLES: ANALYSIS OF ETHICAL, CULTURAL AND EPISTEMIC CHALLENGES*

Eixo Temático Preservação e Valorização do Conhecimento Beradeiro

Ricardo, VALIM¹

Resumo:

Comunicar é uma importante habilidade desenvolvida pelos seres humanos. Através de seus símbolos, signos e demais elementos pode-se expressar ideias, pensamentos e sobretudo, transmitir um legado epistêmico e normativo para as próximas gerações. Porém, quando se trata de se comunicar com o outro, porque é isso a comunicação, uma dinâmica perpétua entre emissor e receptor, pode-se encontrar desafios a serem superados. Pensando nisso, é que objetiva-se neste artigo analisar os desafios éticos, culturais e epistêmicos dos povos indígenas brasileiros contemporâneos com a demarcação dos espaços da tecnologia da informação. O procedimento metodológico adotado foi a leitura e análise de textos especializados na área da comunicação bem como de autores indígenas brasileiros contemporâneos e de teóricos que discutem a temática proposta. Após análise das principais obras que embasaram a pesquisa nota-se que comunicar exige uma adesão tanto de emissor quanto de receptor para que ela, a comunicação, seja viva e eficaz. Em nosso caso, um estudo que reflete sobre os aspectos elementares e desafiadores dos povos indígenas e a tecnologia dos meios de comunicação torna essencial o exercício da escuta sincera. Se a sociedade quer de fato uma mudança cultural no que se refere aos povos indígenas brasileiros contemporâneos faz-se necessário ouvir essas vozes originárias com muita atenção. Ouvir com atenção transcende o “politicamente correto” e mergulha na essência da humildade epistêmica. Conclui-se com este artigo que existem desafios a serem enfrentados, o acesso a informação vem sendo superado aos poucos, personalidades indígenas tem se destacado nas redes sociais, mas a luta continua. Para estes povos ter seus direitos reconhecidos não quer dizer ausência de luta, pelo contrário, sua voz política e atuante deve continuar ecoando pelos meios tecnológicos da informação.

Palavras-chave: Tecnologia; Informação; Indígenas; Comunicação; Saberes.

Abstract:

Communicating is an important skill developed by humans. Through its symbols, signs and other elements it is possible to express ideas, thoughts and above all, transmit an epistemic and normative legacy to the next generations. However,

¹ Instituto de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama, ricardo.vallim@ifro.edu.br, <https://lattes.cnpq.br/3074004049762932>.

ARTIGO

when it comes to communicating with the other, because that is communication, a perpetual dynamic between sender and receiver, one can find challenges to be overcome. With this in mind, the objective of this article is to analyze the ethical, cultural and epistemic challenges of contemporary Brazilian indigenous peoples with the demarcation of information technology spaces. The methodological procedure adopted was the reading and analysis of specialized texts in the area of communication, as well as contemporary Brazilian indigenous authors and theorists who discuss the proposed theme. After analyzing the main works that supported the research, it is noted that communicating requires an adhesion of both sender and receiver so that it, the communication, is alive and effective. In our case, a study that reflects on the elementary and challenging aspects of indigenous peoples and the technology of the media makes the exercise of sincere listening essential. If society really wants a cultural change with regard to contemporary Brazilian indigenous peoples, it is necessary to listen to these original voices very carefully. Listening carefully transcends "political correctness" and delves into the essence of epistemic humility. It is concluded with this article that there are challenges to be faced, access to information has been overcome gradually, indigenous personalities have stood out in social networks, but the struggle continues. For these peoples to have their rights recognized does not mean absence of struggle, on the contrary, their political and active voice must continue to echo through the technological means of information.

Keywords: Technology; Information; Indigenous; Communication; Know.

INTRODUÇÃO

O ser humano enquanto ser de comunicação desenvolve e aperfeiçoa estratégias para melhor se comunicar com os seus semelhantes. A complexidade de seu pensamento pode ser sistematizada em caracteres que juntos se transformam em palavras que mais tarde alimentarão não somente a fixação daquele pensamento, mas a imaginação de seus leitores.

Comunicar implica em nestes tempos uma responsabilidade pelos conteúdos produzidos e disseminados nas redes sociais. O assunto polêmico que envolve as fake news, por exemplo, é algo que ainda não saiu de moda e suas consequências são sentidas por aqueles que atestam serem vitimados.

Por estes elementos citados anteriormente faz sentido uma pesquisa que venha justamente a fazer uma análise dos desafios epistêmicos, éticos e culturais para os povos indígenas contemporâneos na perspectiva da dinâmica das tecnologias da informação.



ARTIGO

Sabe-se que estes povos a seu modo tem se apropriado dos dispositivos tecnológicos para por meio deles divulgarem seus saberes ancestrais e perpetuar suas epistemologias. Das rodas de conversa cerimoniais milenares iluminadas pelo fogo para as mídias digitais, literatura e artes é uma trajetória recente, sobretudo, após a Constituição Federal de 1988. Com mais autonomia e acessibilidades aos dispositivos tecnológicos se acessa novos espaços dialógicos para a partir deles encontrar elementos comuns que conectem a todos.

Ao passo que este encontro acontece e acontece por intermédio da tecnologia é preciso compreender que se faz necessário um senso de acolhida para com os elementos próprios de cada cultura. Seus saberes, valores, cosmovisões podem facilmente entrar em choque ou serem distorcidos elevando a probabilidade de conflito. Por mais avançada que se considere a tecnologia em nossos dias, ainda assim ela está sujeita a falhas e na maioria das vezes são falhas humanas.

Portanto, objetiva-se neste artigo uma análise dos desafios éticos, culturais e epistêmicos que tem pela frente os povos indígenas brasileiros contemporâneos no que diz respeito às tecnologias da informação.

É preciso destacar ainda que o presente artigo é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO Câmpus Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital Nº 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

1. PARTILHA DOS SABERES ANCESTRAIS PELA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA



ARTIGO

Para que uma comunicação seja de fato eficaz ela carece do encontro entre emissor e receptor. Na fluência desse encontro a mensagem é passada e recebida de uma forma em que ambos podem expressar seus saberes e conhecimentos. É uma relação de troca entre seres que apresentando seus códigos e símbolos repletos de significado podem agora dar a si mesmos um pouco do que cada um tem.

A fala separa o homem e a Humanidade do inconsciente cósmico. Como extensão, manifestação ou exposição de todos os nossos sentidos a um só tempo, a linguagem sempre foi considerada a mais rica forma de arte humana, pois que a distingue da criação animal (MCLUHAN, 1964, p. 70).

Partilhar algo ou alguma coisa implica uma vontade que deve brotar de forma serena. É preciso que aconteça na liberdade e vontade seja de uma das partes, seja de ambas. Nesta troca de saberes evidentemente ocorre na maioria das vezes um estranhamento com relação a perspectiva do outro que sempre parece similar em alguns pontos mas que também pode parecer muito distante daquilo que se considera certo ou errado dentro do meu espaço de fala. Até porque o processo de comunicação que, evidentemente, é permeado pela linguagem gera alterações naturais nas “[...] estruturas de interdependência entre os homens [...]” (MCLUHAN, 1964, p. 78). Neste processo comunicativo deve haver sensibilidade e cuidado, sobretudo, na escuta dos saberes do outro. Os povos indígenas, por exemplo, possuem uma grande gama de conceitos próprios e saberes que em sua originalidade podem não ser compreendidos em sua totalidade. O que é absolutamente natural em se tratando de encontro de culturas.

Pensar diferente não deve ser encarado como uma problemática que irá causar somente transtorno. Pensar diferente e reconhecer isso naquele que interage conosco pode ser considerado uma ótima oportunidade de crescimento.

Os povos indígenas brasileiros contemporâneos neste sentido através da literatura e das demais artes têm demonstrado a riqueza de seus valores e cosmovisões. Estes saberes imbuídos do espírito de seus ancestrais tocam temas importantes como desenvolvimento sustentável, cuidado e respeito com a natureza, com os seres que compõem o meio ambiente e com o próprio ser humano.

Os autores indígenas contemporâneos, por exemplo, lançam mão de críticas contundentes com relação à realidade na busca por refletir e manifestar sua opinião



ARTIGO

sobre a realidade a partir de sua própria perspectiva ética. Seu posicionamento é importante porque revela seu lugar de fala, sua cosmovisão.

Sentimo-nos como se estivéssemos soltos num cosmos vazio de sentido e desresponsabilizados de uma ética que possa ser compartilhada, mas sentimos o peso dessa escolha sobre as nossas vidas. Somos alertados o tempo todo para as consequências dessas escolhas recentes que fizemos. E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir a nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, mas para salvar a nós mesmos (KRENAK, 2019, p. 22).

Perder o sentido da própria existência é algo muito complexo e que pode trazer consequências como a falta de perspectiva de futuro, de esperança. O horizonte ético indígena tem por meta o cuidado deste humano que consegue por sua ambição destruir seu próprio habitat natural como se fosse uma praga que consome a si mesmo.

Compreender a diferença de pensamento que existe entre os povos indígenas e a sociedade ocidental é indispensável justamente para criar uma cultura dialógica.

Para os ameríndios o universo é transformativo. Isso significa que a visão pode, repentinamente, mudar diante de nossos olhos. O mundo é composto por muitas camadas, os diversos mundos são pensados enquanto simultâneos, presentes e em contato, embora nem sempre perceptíveis. O papel da arte é o de comunicar uma percepção sintética desta simultaneidade das diferentes realidades (LAGROU, 2009, p. 93).

Reconhecer essa multiplicidade de culturas e entender que cada uma em sua perspectiva requer seu espaço de fala é indispensável para a formação de uma sociedade mais participativa e rica em sua diversidade cultural. Seria negligência considerar de forma genérica o pensamento indígena como se fosse uma coisa só não respeitando sua gama expressiva de formas e de cores.

A sabedoria da diversidade possibilita a oportunidade de se pensar o mundo de outras formas, o que pode ser uma fonte oportuna de saberes para se olhar para a realidade sob novas perspectivas trazendo inovação e riqueza de saberes.

2. A TECNOLOGIA LITERÁRIA E A PERPETUAÇÃO EPISTÊMICA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ao fazer apropriação da palavra escrita os povos indígenas brasileiros contemporâneos têm possibilitado o compartilhamento de seus saberes de forma



ARTIGO

original. Seu desdobramento por via literária revela o valor de seus saberes e sua voz ativa de luta em meio a sociedade para garantir seus direitos.

Assim, a literatura - escrita, falada, dançada, cantada - passa a ser um referencial para a Memória, que pretende informar a sociedade brasileira sobre sua diversidade cultural e linguística. E ela tem sido utilizada de forma bem consistente a fim de cumprir a missão imposta pela Memória. Vale lembrar que a literatura indígena - em virtude da modalidade explicitada anteriormente - nasceu com o primeiro sopro vital e criador. Foi crescendo Palavra e se transformando em escrita mais recentemente. Talvez possamos pensá-la em um movimento de transição em que oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. [...] literatura não apaga oralidade e vice-versa. As duas se complementam, se fundem no mesmo movimento do espiral que junta passado e presente como um método pedagógico que se atualiza constantemente (MUNDURUKU, 2017, p. 122).

Se dispor a se adaptar ao modelo atual literário é um ato de coragem e de humildade dos autores indígenas para que em suas páginas possa-se manifestar sua pulsão existencial, seus saberes, suas cores, seus grafismos e toda uma gama de símbolos e significados que desde sua origem visão conectar o ser humano a algo mais profundo de si mesmo.

Esse talvez seja hoje um dos grandes desafios para os povos indígenas brasileiros contemporâneos, revelar através de suas páginas o poder ancestral em sintonia com os espaços tecnológicos. Este desafio se impõe na medida que ainda perdura de forma por vezes sorrateira de uma mentalidade colonial do século XVI que tem uma visão romântica do “bom selvagem” que isolado em meio às matas nada pode contribuir com o progresso da civilização.

Para romper com modelos hegemônicos, epistêmicos e normativos de outrora se faz necessário considerar a tecnologia literária como aquilo que ela realmente é: como uma ferramenta que possibilita conexão entre os seres humanos desde seus primórdios e seu potencial continua exercendo sua função com destreza. Se situa em um sentido de crescimento e melhorias tecnológicas, o que possibilita sua ampliação, o que é maravilhoso na perspectiva de por diversas formas acabar por chegar às mãos de seus leitores. Neste fluxo de crescimento os autores indígenas têm encontrado um espaço fértil para continuar a falar de suas culturas, tradições, epistemológicas, perspectivas de futuro e educando suas novas gerações.

Os livros indígenas enfatizam este ou aquele aspecto étnico e/ou político de modo mais pungente, onde tal manifestação dependerá do processo e da



ARTIGO

intenção a que os escritores aspiram. Isto é, o projeto literário pode aparecer enfatizando a resistência política a que estão engajados os autores, narradores ou escritores, tais como Ailton Krenak, Davi Kopenawa e Álvaro Tukano, para o nosso caso aqui; ou ressaltar o caráter criativo-estético das narrativas míticas que aparecem sob a forma de “contação de histórias”, como em livros de Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Cristino Wapichana, Yaguarê Yamã, entre outros. Entretanto, em ambos os casos, que geralmente aparecem interligados, o objetivo é o mesmo: apresentar à sociedade a perspectiva autoral, ativista e direta dos/as próprios/as indígenas, para além das descrições extemporâneas, caricatas e tecnicistas feitas deles e sobre eles por não-indígenas. Esse, por exemplo, é o objetivo da produção estético-literária de Daniel Munduruku, que ele não desliga e não desvincula da busca por hegemonia político-cultural dos e pelos povos indígenas (DANNER; DORRICO; DANNER, 2018, p. 259).

Neste novo espaço que é a literatura dizer o que se pensa de forma equilibrada e com fundamento é importante para que se forme uma consciência de saberes que em sua razão visam uma mudança paradigmática que oportunamente tende a mudar a médio e longo prazo o comportamento humano frente a sua dinâmica existencial frente ao meio ambiente.

Essa mudança comportamental, diga-se de passagem, é mais do que desejada em nosso tempo. Devido às muitas mudanças climáticas e as crises de abastecimento que assolam alguns países mundo afora, nada faz mais sentido do que um tempo de parada e reflexão para pensar o futuro de forma inteligente.

Se a natureza continuar a sofrer os impactos das tecnologias que a própria humanidade criou logo não suportará, pois como sabe-se são elementos não renováveis, uma vez que se acaba é para sempre. Existe, porém, um fio de esperança na perspectiva de que este ser humano altamente tecnológico pode por meio desta mesma tecnologia desenvolver projetos que visem o cuidado com o meio ambiente. Até porque é necessário pensar inteligentemente a tecnologia porque a “[...] a técnica que fez sangrar a natureza pode também ajudar a curá-la” (BOFF, 1996, p. 27). A tecnologia potencializa o discurso contra a destruição do meio ambiente e eterniza essa luta dos povos indígenas em suas páginas.

3. A TECNOLOGIA SOB NOVA PERSPECTIVA: EFEITO DE UMA CONSCIÊNCIA DECOLONIAL

O ser humano por sua própria consciência pode fazer escolhas e lidar com suas consequências de múltiplas formas. Pensar em uma cultura do encontro em que as



ARTIGO

peçoas possam vir a dialogar na pressa de buscar soluções é indispensável, é fazer uso dessa capacidade de raciocinar por sobre a realidade.

O ser humano, pela consciência, encaixa-se plenamente no sistema geral das coisas. Ele não está fora do universo em processo de ascensão. Encontra-se dentro, como um momento singular, capaz de captar a totalidade, de saber de si, dos outros, de senti-los e de amá-los no interior dessa totalidade desbordante (BOFF, 2009, p. 74).

Desenvolver essa consciência por sobre a realidade e das atitudes humanas perante a mesma é indispensável no que se refere à perspectiva de cuidado com a vida em toda a sua extensão. Neste sentido, os ensinamentos dos povos indígenas brasileiros contemporâneos são indispensáveis para se pensar a realidade, pensar este ser humano que está imerso em um meio ambiente em que faz dele espaço de contemplação mas também de degradação. A tecnologia pode potencializar o eco dessas vozes ancestrais por diversos canais acessíveis a todos, fomentando assim o diálogo, a crítica contundente e a originalidade da palavra falada fixada agora na palavra escrita.

Ao se falar de linguagem se pensa muitas vezes que ela é estritamente voltada para o aspecto da comunicação em si mesmo e fica esquecido por vezes que essa mesma linguagem possibilita que o ser humano reflita sobre o mundo que o cerca (SARTORI, 2001, p. 13). Essa leitura de mundo oportunizada pela linguagem faz com que o ser humano possa nomear, elencar e produzir a partir disso uma rede de contatos e relações impulsionando novos saberes ou até mesmo criando oportunidades para divulgar outros antigos.

Neste espaço de confluência de saberes é que poderão ser compartilhados e disseminados os saberes dos povos indígenas brasileiros contemporâneos. Ouvir as suas vozes é uma questão de bom senso hoje.

Apropriar-se desse poder de reflexão e, portanto, de autocrítica é fundamental para pensar o propósito de muitas ações que visam no plano ideal promover e fortalecer as tradições mas acabam apenas por seguir, conscientemente ou inconscientemente, uma lógica capitalista e mercadológica.

O que é traduzido em termos de nostalgia pelo natural e pelo rústico, fascínio pelo exótico, constituindo-se assim essa outra forma de pressão a cada dia mais poderosa que é a do turismo. Convertendo as culturas indígenas em



ARTIGO

espetáculo, o turismo força a estereotipagem das cerimônias e dos objetos, misturando o primitivo e o moderno [...] (BARBERO, 2009, p. 262).

Se pretende-se de fato um diálogo sincero e sobretudo uma vivência pacífica não se deve alimentar ainda mais a lógica do exótico, do fantástico, do mágico que inundou as mentes de pesquisadores no passado, que ao olhar para estes povos os viam apenas como sociedades primitivas. Não se pode negar, evidentemente, que existam elementos culturais que certamente serão revelados a partir dos dispositivos tecnológicos, porém, o que importa é transcender as meras aparências e buscar uma reflexão profunda, no coração de cada cosmovisão.

Os espaços dialógicos oportunizados pela tecnologia contribuem de forma significativa e com velocidade numa mudança de possibilidade de saberes que antes ficava restrita a círculos acadêmicos e a partir da ótica interpretativa de seus intelectuais. Hoje há uma mudança real onde é o indígena que se define a partir de seu próprio lugar de fala. Essa mudança é real, concreta e necessária para o fortalecimento das identidades culturais e étnicas dentro do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse percurso decolonial reflexivo sobre a importância das novas tecnologias para a conservação do meio ambiente e da perpetuação das epistemologias dos povos indígenas brasileiros contemporâneos a sensação que paira no ar é de uma radical mudança de perspectiva.

E pensar que durante séculos dentro do processo colonial os saberes desses povos foram simplesmente postos de lado ou destruídos. No entanto, na atual conjuntura percebe-se ainda focos de resistência quanto a valorização destes saberes, mas não importa, até porque a semente foi lançada e há sempre o surgimento de estudos que procuram conduzir para a percepção de que existe algo para além dos pressupostos teóricos estabelecidos.

É fato que o canto e a valorização de outros saberes coloca diante de nós elementos que evidentemente não fazem parte do contexto ético, moral, cultural e epistêmico aos quais a civilização ocidental está habituada. Entretanto estes saberes dos povos indígenas estão imbuídos de seus próprios aparatos normativos e que carecem de atenção porque são eles que norteiam a existência dessas pessoas.



ARTIGO

Desconsiderar isso é uma afronta. Por isso se faz necessária uma educação do encontro, encontro este que requer que os saberes sejam partilhados e respeitados de forma sincera, revelando a beleza da diversidade, da autoridade e da autenticidade entre os povos.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade** - A Emergência de um Novo Paradigma. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida e Nova Centralidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. **A Literatura Indígena Brasileira, o Movimento Indígena Brasileiro e o Regime Militar**: Uma Perspectiva Desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá E Álvaro Tukano. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 252, 2018. DOI: 10.22456/1982-6524.83424. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/83424>. Acesso em: 27 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz S/A, 2019.

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil**: Agência, Alteridade e Relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem** - (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2** – Sobre Vivências, Piolhos e Afetos, Roda de Conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns** – Televisão e Pós Pensamento. Bauru: EDUSC, 2001.